

## Malanje

10/09/2002

**S**EMPRE o fim do cacimbo me embriaga de ansiedade... Esta aridez agarrada ao planalto e visível nas gretas abertas deste chão sedento.

Assim me magoa semelhante aridez nos espíritos pelo abandono dos Mandamentos: Não roubar, não matar, respeito pelos mais velhos, desenfreada atitude sexual e o «pão nosso» de cada dia da «nova deusa» — a corrupção.

Mais grave o desconhecimento ou o pôr de parte, a presença de Jesus que unido ao Pai está ansioso por nos comunicar o Espírito.

É esta ausência pelo nosso esquecimento e abandono a causa deste grande campo gretado e sedento do Espírito de Deus...

Esta grande sede na nossa sociedade pela dignidade humana é uma imagem viva destas gretas



abertas neste chão do nosso planalto e ansiosas pela chuva.

Sei que as colinas se vão revestir de capim; as árvores de folhas e flores.

Esperamos que desta paz surja o Homem novo.

15/09/2002

**E**STIVE no Lombe onde celebrei a Missa dominical — Igreja bem limpa e bem cheia. Falei ao povo na urgente necessidade de sermos verda-

deiras testemunhas do Senhor.

O Lombe tem uma grande rua que é estrada que leva a Calandula. No tempo colonial eram duas filas de casas comerciais, padaria e restaurante com resi-

Continua na página 3

## CALVÁRIO

### Saco roto

**O** Zé Carlos carregava aos ombros um saco de aveia, em direcção ao campo onde esta ia ser semeada. Pelo caminho, o saco rompeu-se e a semente foi caindo lentamente. O rapaz não deu por nada, pois o orifício era pequeno.

A semente, entretanto, foi pisada por quem ali passava. Algum tempo depois uma erva macia apareceu viçosa bordando o caminho. Demos pelo acontecido e deixámos que a aveia crescesse até dar fruto.

Pelos caminhos que trilhamos na vida, todos nós deixamos cair sementes: é o nosso feito, é o nosso falar, são as nossas acções.

Se a semente que tomba é má, os maus frutos aparecem. Se ela é boa, naturalmente, que frutos bons vão surgindo. A marca da nossa pessoa fica sempre por onde passamos, naqueles com quem convivemos.

Talvez não vamos dando conta que semeamos. Mas todos o fazemos ao longo dos dias. Os pais derramam semente nos filhos, os professores nos alunos, os mais velhos nos mais novos: todos vão deixando cair o bem e o mal que transportam.

Estes doentes simples, dedicados e amigos, alguns sem maldade, quanto bem não têm semeado nesta Casa e em quem os visita. A Semente que deles brota é verdadeira e pura. Muitos não foram tocados pelo mal. Outros, sim, mas hoje, sofrendores, derramam gratidão e alegria pelo acolhimento que lhes foi feito.

A senhora Maria desceu os degraus todos da degradação e caiu exausta na Viela do Anjo, à Sé do Porto. Fui buscá-la ao Aljube, onde a Polícia me fez a entrega dum ser em estado lamentável. O marido e os filhos, desgostosos, abandonaram-na e nunca quiseram saber do seu paradeiro.

Um criança, com esclerose cerebral, maltratada pela mãe foi-me dada pelo Tribunal para que a acolhesse e dela cuidasse.

São dois seres igualmente rejeitados. Mas há largo tempo que aquela é «mãe» desta criança, fazendo tudo o que um ser dependente e inocente carece. Um preenche as lacunas do outro.

Quanta semente de boudade e de dedicação vai caindo por estes sítios.

Quanta semente boa fica por cair no mundo porque o coração dos homens anda fechado.

O saco do Zé rompeu-se e a semente derramada no caminho cresceu viçosa e deu fruto.

Padre Baptista

## PRATICANDO O BEM

### As nossas Senhoras

**E**NCONTREI-ME, a semana passada com algumas Senhoras que servem a Obra — nas Casas do Gaiato e no Calvário.

Não foi bem um Retiro. Mais uma reunião de convívio, para rezar, reflectir e descansar.

As nossas Senhoras são umas «mártires» o ano inteiro. Sem sábados nem domingos, nem férias e muitas delas, nem saídas. Até para cuidar da própria saúde é preciso sacrificar a vida da comunidade e isso, causa-lhes embaraço que, muitas vezes, é impeditivo.

Uns diazinhos «poucos» passados des preocupadas e em lugar aprazível sabe-lhes como vista a um cego!

Da Comunidade cristã relacionada mais intimamente connosco, duas mulheres prontificaram-se a servi-las na cozinha, na copa e no refeitório.

Esta alegre e generosa dádiva muito as animou.

A nossa casa da Arrábida é lugar privilegiado e até o tempo nos brindou com um sol radioso.

O silêncio, a pujança da natureza, a majestade da Serra e a amplitude azul do mar, dão à nossa casa um ambiente leve e fortemente revigorador que deve ser aproveitado por quem tanto se desgasta na Obra.

O edifício, há pouco restaurado, recebe-nos com conforto e austeridade.

Com a inconveniência de ser longe para as do Norte e familiar às de Setúbal, a Arrá-

bida tem uma atracção que supera abundantemente todas as desvantagens.

Na oração e na convivência, deixamos que o Espírito de Deus orientasse o nosso coração, pois que todas vivem o mesmo ideal: — Em nome de Deus Pai, ser Mãe dos pequeninos sem-família. Em Nome e em vez. Isto é: — ser por Ele mãe e pai.

As Senhoras da Obra, são mulheres arrastadas pelo Amor de Deus, pobres como Maria de Nazaré e O amam com tal intensidade que permitem gerar, nos seus corações, pela força do Espírito Santo a maternidade àqueles inocentes que se viram privados dela. Como Maria também elas geram de forma virginal o amor materno dos seus filhos — os gaiatos.

No aperfeiçoamento das qualidades humanas, na relação: senhora/rapaz; mãe e filhos, se centrou toda a nossa reflexão espelhando-nos também na imagem de outra mulher, mãe dos Pobres, Teresa de

Continua na página 3

## TRIBUNA DE COIMBRA

### O regresso do Outono

**A** chuva persistente e o céu acinzentado apressaram o regresso do Outono. A terra volta a recolher em seu seio o que sobra desse manto luxuriante de que a Natureza na Primavera se revestiu.

O Inverno há-de amolecer e reduzir o resto do húmus fértil para que tudo volte a florescer.

São fantásticos, solenes e normativos os ritmos da Natureza... Tais como se apresentam, sem perturbação, envolvem-nos de um enorme espanto e beleza. Dão que pensar acerca de cada um de nós.

Existe, de facto, em cada coisa que nos rodeia um carácter de provisoriedade. A mudança é o timbre de tudo o que existe desde o nascimento até à morte. Desde a antiguidade a reflexão humana o assinalou com profunda acuidade.

Só a Revelação cristã desenhou no horizonte da existência humana contornos de perenidade face à mutação ao mostrar o caminho do amor como resistência.

O amor que resiste à mudança, que a ultrapassa e lhe confere sentido crítico, é o Amor Divino. Amor que abraça a história humana, que a percorre misteriosamente, em ritmos surpreendentes e, por vezes, incompreensíveis a caminho da consumação de tudo e de todos em Cristo.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**POBRES** — «Portugal tem uma das maiores percentagens de população em risco de pobreza da Europa. Segundo o relatório de 2002 da Comissão Europeia, sobre a situação social da União. Ou seja, há muitas famílias portuguesas que subsistem mensalmente com rendimentos inferiores ao salário mínimo nacional (348 euros).

Segundo o estudo, em 1998, cerca de 11% da população da União Europeia vivia num agregado familiar com um rendimento muito baixo e estava nessa situação há pelo menos dois ou três anos.

Em Portugal, esta percentagem sobe para os 16%, seguido de perto pela Grécia com 14%, mas muito longe dos três e cinco por cento da Dinamarca e da Holanda, respectivamente.

O risco de pobreza é menor, como seria de esperar, se pelo menos uma pessoa do agregado familiar está empregada.

Em 1998, e para a União Europeia como um todo, o risco de pobreza para pessoas empregadas era de 7%, enquanto que em Portugal era de 10%.

Casais com mais de três filhos são os mais expostos ao risco de pobreza (53%) seguidos pelas mulheres que vivem sozinhas (48%) e por agregados familiares constituídos apenas por um adulto e filhos dependentes (40%).

Estas estatísticas europeias, no entanto, não reflectem o sentimento das populações. Ou como é que elas interpretam as situações de dificuldade financeira que as rodeiam.

Em Portugal, cerca de metade da população diz conhecer situações de pobreza na sua vizinhança, de acordo com um estudo recente da Comissão Europeia denominado «Precariedade e Integração Social».

Neste sentido, o documento afirma que a pobreza é mais visível nos países do Sul europeu, nomeadamente em Portugal e na Grécia.

A pobreza é vista, pelos cidadãos dos países do Sul, como uma condição herdada (que passa de pais para filhos e assim sucessivamente ao longo do tempo), enquanto as populações da Europa Central e do Norte a encaram como sequência de um determinado acontecimento.

No entanto, desde 1993, verificou-se uma redução geral do número de pessoas com dificuldades financeiras. As únicas excepções, indica ainda o documento, foram Portugal e a Holanda.

De qualquer forma, pode ler-se, o nível das dificuldades financeiras permanece muito elevado na Grécia e em Portugal, onde afecta mais de 50% da população. Tal como entre a população de uma maneira geral, a dificuldade financeira tem, na maioria dos países, sido reduzida».

**PARTILHA** — «Mais uma vez, embora atrasada, venho pagar a minha conta do Jornal e contribuir para alguém necessitado.

Já estou convosco há muitos anos. Tinha vinte e agora tenho 76 anos.

Gostaria que o meu contributo fosse para algum ou alguma idosa, desamparada, mas eu teria muito gosto em vos doar uma data de coisas que poderia levar para o outro mundo».

Assinante 2560, Avenida das Acácias, 31 — Rio de Mouro.

Porto, cinquenta euros da assinante 60788: «Não sei ao certo qual o custo da anuidade d'O GAIATO. A leitura do Jornal é sempre estímulo para o sentimento de Caridade para os Pobres mais carenciados».

Assinante 29845, de Lisboa, presente «com muito carinho e uma oferta pequenina para os protegidos pela vossa Conferência. Deus vos abençoe e ao vosso perante aos mais predilectos do Senhor. Eu também sou vicentina, portanto estou convosco de todo o coração. Gostaria de ajudar mais, mas os meus filhos são muitos...»

Assinante 30719, de Oliveiras, envia dez euros, neste mês em que lembramos os nossos mortos.

Lourdes, do Cacém, manda a migalhinha do costume. «É pouco, mas dado do coração com muito amor e fé.»

Cinquenta euros da assinante 4395, de Famalicão.

Assinante 5963, de Paço de Arcos, enviou um cheque para a nossa Conferência e para outros sectores da nossa Obra.

Assinante 25199, de Coimbra com dez euros para medicamentos de alguns Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

Por fim, uma oferta de médico muito amigo, de Paredes.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## TOJAL

**AMIGOS** — Como todos e com muita alegria, o grupo Fundação Coração em Acção Axa Seguros, partilharam connosco a refeição. Foi muito agradável estarmos com eles uma vez mais.

Agradecemos a vossa solidariedade, pois são estes pequenos estímulos que nos tornam alegres e felizes. Também não esquecendo que todos os anos celebramos a ceia de aniversário do Rogério Paulo em que a família está sempre presente para partilhar este sentimento moral e humano da qual a humanidade devia levar este sinal como o dever a razão da qual lhes foi confiada a tarefa.

Para todos esses amigos o nosso muito obrigado mais uma vez pela vossa sensibilidade.

**ESCOLA** — O primeiro período está a chegar ao fim, é preciso tomar atenção aos estudos para que o fruto amadureça

com dignidade. O que não acontece com alguns dos rapazes que estão constantemente distraídos.

**FESTAS** — Os ensaios parecem que ganharam o ritmo. Todo o pessoal está preocupado com o desenvolvimento de cada peça.

Espera-se agora o resultado final.

Abílio Pequeno

## PAÇO DE SOUSA

**FESTA DE NATAL** — Os ensaios decorrem em bom ritmo. Os rapazes esforçam-se ao máximo para que a festa tenha sucesso.

**AGRICULTURA** — O silo está concluído. Daqui em diante, as vacas terão mais alimento, para nos darem mais leite.

**POMAR** — Este ano, as árvores foram generosas com seus frutos. Os dióspireiros estão carregados, sinal que temos boas sobremesas.

**RAPAZES NOVOS** — Recebemos três. O Márcio, o Diogo e o Ruben. Esperamos que eles se adaptem bem ao nosso ambiente.

Ílidio Polónia

**DESPORTO** — Os Seniores receberam o Ermentão Futebol Clube. Jogo bem disputado e com alguns golos à mistura. Apesar do adversário ter oferecido bastante resistência, sobre tudo na primeira metade do jogo, não impediu que a vitória pertencesse aos da casa.

Toda a equipa esteve bem, mas há que salientar o excelente trabalho de jogadores, como: «Turbinas», «Pião» e Nilton, são alguns dos inscansáveis dentro do campo, apesar deste último, ter sido um pouco individualista em determinada altura do jogo. Quem também não esteve mal, foi o «Doutor». Jogou pelos Seniores, tendo marcado dois oportunos golos. No entanto, o mais festejado por toda a equipa, foi o do «Caneco», que marcou o seu primeiro golo da época. Apesar da sua falta de cabelo, nunca estar calado dentro do campo, o que não é nada bom (!...), é muito dedicado ao Grupo Desportivo e a todos os rapazes em geral.

Os Infantis, realizaram o primeiro jogo da época. Receberam o Futebol Clube de Baltar, onde teve lugar a estreia de dois novos elementos: Raúl e Bruno Filipe. O primeiro é uma cara de riso e malandro ao mesmo tempo. O segundo, é um dos muitos netos da Obra da Rua. Tal como o pai, quis começar a dar os primeiros pontapés com a camisola, cujo emblema representa a família a que todos pertencemos: a Casa do Gaiato.

Falando do jogo, não correu mal. Com a vitória a pertencer aos da casa, houve golos para todos os gostos e feitios.

Alguns, apesar de normalmente serem convocados, não estão habituados a fazerem parte da equipa titular. No entanto, não se mostraram indiferentes, cumprindo e bem, a missão de que foram incumbidos. Caso concreto do «Peixinho», «Carocha» e «Patrick». Este último, promete, pois não tem problemas em pontapear a bola, tanto com o pé direito como com o esquerdo.

À mesma hora, estavam os Seniores a jogar em Gondomar onde, depois de estarem a perder por 4-1, conseguiram empatar. Pelo que conseguimos apurar, não foi nada fácil.

Depois dos jogos, e agora, com toda a malta reunida em casa, houve o chamado «magusto de S. Martinho», onde faltaram as castanhas, as sardinhas assadas com boroa, fêveras, chouriço, couratos e batata-doce. Tudo regado com o verde branco e tinto para os mais velhos, sumos para os mais novos, e ainda, as boas maneiras..., à moda de cada um! No final, foi servido o tradicional caldo verde, bom e barato!...

Um dia de festa que contou com a presença do Padre Carlos e do Padre Acílio, assim como do Júlio Mendes, «Eusébio», Serafim, «Caneco» e «Quim Carpinteiro». Teria sido bem melhor, se tivessem aparecido todos aqueles que por este ou por aquele motivo, não quiseram ou não puderam estar presentes. É pena! A festa é de todos, feita por todos e para todos.

Alberto («Resende»)

## SETÚBAL

**ENSINO RECORRENTE**

— Já começou. Os rapazes que nele participam querem aproveitar esta oportunidade para fazer o quinto e o sexto anos e aumentar os seus conhecimentos a nível escolar. As aulas começam no início da noite e terão a participação de pessoas de fora.

**MAGUSTO** — Os nossos «Batatinhas» tiveram a oportunidade de ir ao dos Gaiatos Antigos. Houve batata-doce, castanhas e sumos, Dançaram e divertiram-se uns com os outros.

**POMAR** — Continuámos a plantar as macieiras que nos foram oferecidas pelos Viveiros de Castromil, em Sobreira (Paredes). Agradecemos a amizade que nos têm dado. Esperamos que nos dêem fruto para as nossas sobremesas

**TROPA** — O Nuno «Sapateiro» entrou na Força Aérea. Esperamos que tudo corra bem. O «J.P.» já jurou bandeira e teve a presença do nosso Padre Acílio.

**VACARIA** — Uma das nossas vacas pariu dois vitelos gémeos. Um deles nasceu morto, o que deixou tristes os rapazes que assistiram. Agora, com o novo portão na maternidade da vacaria, é mais fácil assistir os partos.

## Perdão

Perdão é atitude  
De quem está disposto  
A dar de novo a mão;  
De quem acredita  
Na força do amor;  
De quem vê no rosto  
O amor de Deus;

Perdoar é amar  
Num mundo incerto  
Onde o mal é o bem;  
Amemos para perdoar  
E ao perdoar, mostrarás  
Que tens amor no coração;  
Temos que pensar  
Que Deus no Seu ensinamento  
Nos manda sempre perdoar.

Zeca

## ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

**S. MARTINHO** — No dia 17 de Novembro, na sede da nossa Associação, realizou-se o S. Martinho. Oferecemos castanhas, sardinhas, sumos e água-pé, etc. Esteve um bonito dia, animado, mas com pouca gente. Gostaríamos de ter uma maior presença. Sabemos que cada um de si sabe, só que nos deixa um pouco tristes. Fazemos votos que da próxima seja diferente.

**FESTA DE NATAL** — No dia 22 de Dezembro, faremos a festa de Natal, aqui aguardamos somente o local, que será depois afixado na sede. É preciso não esquecer que temos de viver sempre em família, dia após dia. Trazer o Natal ao convívio e pensar sempre que temos Alguém. Meditar para alcançar a paz interior, num ideal a que fomos abençoados. Para os que não puderem desejamos boas Festas, e aos leitores do «Famoso» também.

César Amante

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

**REUNIÃO** — Em 17 de Novembro, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, realizou-se uma reunião de trabalho entre os membros da Direcção com o objectivo de estabelecer linhas de conduta, criar estratégias e desenvolver a acção da Associação.

Assim, deliberou-se que o primeiro e mais importante passo a dar é a legalização da Associação com a ideia de se poderem criar novos caminhos de actuação. Desde já começamos a preparar os Estatutos, essenciais a este fim.

Outro ponto focado: as quotas dos sócios. Devido ao facto de grande parte do ficheiro

estar perdido (porque não informatizado?!), começamos por aqui. Assim pedimos a todos os sócios o favor de nos escreverem mandando a sua direcção completa e actualizada; número de telefone, se o tiver, ou de telemóvel — todos os tipos de contacto que julgarem úteis. Também uma foto, a incluir no arquivo informático que estamos a criar, e que será devolvida, a cada um, juntamente com um cartão de associado. É importante que nos mandes também o nome da Esposa, idade, etc.

A Associação pretende ter uma acção mais abrangente. Os sócios serão sempre os primeiros. Queremos partir de dentro para fora. Assim é essencial termos todas as informações que julgues úteis à nossa acção. E porque «a união faz a força», gostaríamos que em caso de conhecimento, ou se for caso próprio, nos fales de problemas que, de certa forma, possamos ajudar a ultrapassar.

Ficou ainda decidido que as quotas ficarão cativas a 2002, sendo os restantes anos esquecidos. E, ainda, que vamos recorrer o número de sócio por antiguidade. Ao criarmos um ficheiro gostaríamos de fazê-lo sem deixar números em branco.

Na carta que nos escreverás, se achares por bem, sugere-nos caminhos e modos para melhorar, dinamizar e elevar a nossa Associação.

Aqui vai a morada para onde nos mandarás a tua correspondência: Av. Barão Lourenço Martins, Edifício dos CTT, 1.º andar — 4560-382 Paço de Sousa.

José António T. Pires

## Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

**MAGUSTO** — No passado dia 1 de Novembro fizemos o nosso magusto anual onde estiveram presentes cerca de setenta pessoas, com a agradável colaboração de um grupo de fadistas amigos que nos deliciaram a tarde. Esperamos para o ano repetir e, se possível, com mais pessoal.

**ENCONTRO** — Como já vem sendo habitual o dia 8 de Dezembro é o encontro anual que fazemos na nossa Casa do Tojal, e como sabes precisamos da tua confirmação o mais tardar até 5 de Dezembro para nos poderem organizar a nível de loiça, comer, etc.

O programa é o habitual:  
09.00 h, futebol.  
12.00 h, Eucaristia.  
13.00 h, almoço.  
15.30 h, reunião.  
16.15 h, espectáculo com o Grupo de Dança das Caldas da Rainha.

17.30 h, merenda ajantarada (como sabes contamos contigo).  
A tua presença e da família é importante.

Luís Miguel Fontes

# Malanje

Continuação da página 1

dências dos donos — construções limpas e airosas.

Nem uma tem telhado: Buracos apontando o céu! As próprias paredes começam a ser demolidas.

Raízes profundas na razão desta destruição... Somente a igreja e a casa das Irmãs ficaram intactas.

Conheci os donos que tiveram que abandonar o que edificaram com tanto carinho.

Fenómeno Social...

Choque de Culturas...

Também, porque não dizê-lo?, uma vida cristã de tradição que não conseguiu gerar vivências evangélicas.

20/09/2002

**R**OUBAR é, para uma grande parte, tão natural como beber água numa fonte cristalina e num momento de sede.

São as cebolas que vão indo; as colheres que vão parar aos bairros; é o nosso pequeno gaiato que tira uns sapatos e os vai trocar por três sambapitos. Foram, há dias, uns já grandes que roubaram quatro sacos de sal da dispensa e os foram vender ao bairro; as colchas bonitas que Padre Custódio guardou e como tapetes voadores voaram pelo céu misteriosamente! Não tão misteriosamente, pois fica sempre uma ponta do rabo do rato de fora do buraco.

Na minha aldeia e povo, o roubo era uma coisa vergonhosa — ideia que os pais transmitiam aos filhos.

Aqui e agora é quase uma lei de sobrevivência: Tenho que dar aos professores para conseguir matricular os filhos; ao polícia para não ficar sem carta; no aeroporto para despachar as bagagens do meu pai; no hospital para uma injeção no parto da mulher; ao sair da garagem dois armados roubaram-me o carro; em plena avenida fiquei sem o relógio; no mercado voou a carteira.

Mais grave que tudo é o roubo impune de muitos ricos e governantes...

Desta sociedade veio o Dorito, não me admira que se deixe seduzir pelo brilho guloso do saquinho de rebuçados!

Não nos deixemos seduzir... Não sabemos quando, mas haverá julgamento, porém, mais construtivo — o arrependimento e o perdão.

Padre Telmo

# Praticando o Bem

Continuação da página 1

Calculá, a qual encontrou neles o melhor caminho para responder à chamada do Senhor: — Sede perfeitos como é o vosso Pai do Céu — que nos dá o exemplo da própria sabedoria e elevação humanas nestas perguntas com resposta:

O dia mais belo? — Hoje.

O maior obstáculo? — O medo.

A coisa mais natural? — Equivocar-se.

O maior erro? — Deixar-se arrastar.

A raiz de todos os males? — O egoísmo.

A mais bela distração? — O trabalho.

A pior derrota? — O desalento.

Os melhores professores? — As crianças.

A primeira necessidade? — Comunicar-se.

O que nos torna mais felizes? — Ser úteis aos outros.

O maior defeito? — O mau humor.

A pessoa mais perigosa? — A mentirosa.

O pior sentimento? — O rancor.

O presente mais belo? — O perdão.

A coisa mais necessária? — O senso comum.

O lugar mais imprescindível? — O lar.

A sensação mais agradável? — A paz interior

O resguardo mais eficaz? — O sorriso.

O melhor remédio? — O optimismo.

A maior satisfação? — O dever cumprido.

A força mais poderosa? — A fé.

As pessoas mais necessárias? — Os sacerdotes.

A coisa mais fácil? — Dar conselhos.

E a coisa mais difícil? — O conhecimento próprio.

A coisa mais bela do mundo? — O AMOR.

A convivência foi enriquecida também com a presença de duas novas Senhoras: a Nazaré, da Diocese de Coimbra, a trabalhar na Casa de Miranda do Corvo e a Selene, da Diocese de Aveiro, faz a sua aprendizagem em Paço de Sousa.

Ontem o Ruben fazia cinco anos!

Cinco aninhos!

Chorou na Capela durante todo o Terço e no refeitório ao jantar!

Como me doeram as lágrimas do menino?! É Deus que chora nele!

A mim que, por duas vezes me debrucei para o acariñar, repeliu-me zangado.

Ó mulheres estereis, enredadas em vidas áridas, não ouvis o choro das crianças?

Só as mães podem compensar.

Padre Acílio

## SETÚBAL

# A criança tem amor à verdade

**N**ÃO sei porque carga de água, alguém resolveu escrever onde não devia, o nome Bruno.

Por não ser um local apropriado para tal, o chefe desse dia, procurou descobrir o autor da escrita.

Posto o problema à Comunidade desconfiou-se do «Alentejano», mas ele negou ser o escritor. Deu-se-lhe então papel e caneta e ordem para reproduzir, pela sua mão, Bruno. As duas primeiras letras saíram iguais, mas as restantes diferentes.

O gato deixara o rabo de fora, por isso ficou sem recreio na manhã desse Domingo.

Enquanto decorria esse tempo, começou a engendrar um plano para se livrar de culpas. Escreveu num vidro da janela mais próxima o mesmo nome e chamou, de seguida, dois outros rapazes pequenos dizendo-lhes que vira o Wilson a desenhar com o dedo no vidro, o citado nome.

Os pequenos tomaram a confiança como verdade, e assumiram-se como testemunhas oculares dos factos. Por indicação do «Alentejano», iam cha-

mar o chefe para lhe comunicarem o falso testemunho.

Como eu ia a passar, o «Alentejano» não perdeu a oportunidade e mostrou-me o nome ali mesmo à frente, afirmando ter visto o Wilson a fazer o trabalho. Foi o princípio de muitos trabalhos até chegarmos à verdade dos factos.

Estávamos na hora do almoço. Todos comeram regalados, só eu com apetite em agonia, ia ruminando outro alimento — a busca da verdade.

Terminado o almoço, foi chamado ao centro da sala de jantar o triunvirato. Questionados em conjunto sobre os acontecimentos, mantiveram, com toda a convicção, o parecer que já haviam manifestado. Depois, chamados um de cada vez os que eram testemunhas, revelaram diferenças nos seus relatos de pormenor.

Havia já fortes motivos que os descreditavam perante todos. Apesar de tudo, mantinham como verdadeiros os seus testemunhos, afirmando terem visto o Wilson a escrever Bruno no vidro da janela.

Importava que a verdade fosse assumida por cada um no seu íntimo e a

dessem a conhecer. Iam ficar no refeitório os três mais o Wilson, enquanto o resto da Comunidade ia para a eira fazer o magusto.

Ó castanhas estaladiças, quanto poder não tendes!

Bastou uma hora para que a verdade viesse ao de cima.

— Senhor Padre, nós queremos dizer a verdade!

Atirou-me o «Alentejano» quando casualmente passava junto deles.

— Fui eu que escrevi Bruno.

As testemunhas, por sua vez, disseram também ter sido levados por ele a dizer o que disseram. Um passo grande que estes pequenos deram.

Vieram então as palavras para mostrar como podem ser grandes os trabalhos que poderiam arranjar ao Wilson. Como com falsos testemunhos se carregam inocentes wilsons, com culpas que não são suas.

Chegados lá fora, ouvi um dizer: — Fui eu o primeiro a dizer a verdade!

— Não, dizia outro, fui eu!

A criança tem amor à verdade. Com uma boa dose de agonia, chega-se lá.

Padre Júlio

## DOCTRINA

«Pregai o Evangelho a todas as criaturas»



**E**STAMOS a preparar as coisas para pedir este Inverno nos teatros e nos cafés da Invicta. Temo-lo feito nos púlpitos e nos salões e nas praias e nos casinos e nos comboios e nos caminhos — «pregai o Evangelho a todas as criaturas». E agora é nos cafés — «ensinai todas as gentes». Se não aparecer impedimento grave, vou. Não levo claque para que todos sejam da claque.

**E**U poderia muito bem organizar festas ou sentir que outros as organizassem por mim. Não têm faltado convites. Já em Coimbra, eu era solicitado por comissões para fazerem festas de caridade a favor da Casa do Gaiato. E até de Lisboa me acenaram com uma festa, no São Carlos, com artistas e a Orquestra da Emissora Nacional: «Aceite, padre». É tão difícil resistir a estas tentações, tão lindas, tão humanas, tão ao sabor dos tempos!

**P**ODERIA, sim. Porém, tenho um tal respeito pela Viuvez, pela Orfandade, pela Miséria e sobretudo pelos Miseráveis; tanta dor que desejo colaborar nos seus grandes males e, por isso mesmo, escolho a missão dolorosa de mendigar para os sem-ninguém. Quando souberes que a trombeta vai dar sinal, não fujas; é um amigo.

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

## Correspondência dos Leitores

### A idade não perdoa

«Venho acusar a recepção de mais um maravilhoso livro 'Calvário', para acrescentar à minha coleção. Já não os posso ler com a facilidade com que o fazia. A idade não perdoa, apesar dos óculos ajudarem bastante, mesmo assim, sinto a vista muito cansada. Obrigado por não se terem esquecido de mo enviar.

Assinante 28725»

de vida verdadeira. É dar-nos a conhecer de uma maneira nua, o que o homem tem de mais semelhante com Deus. A nudez de Jesus na Cruz, e a divindade do Seu amor, está bem patente nas vossas Casas.

Obrigado por serem assim!

Contem com a minha oração e peço que incluam na vossa, todos os meus filhos. Saiba eu ensinar-lhes valores tão cristãos como o fazem aos vossos rapazes. Bem hajam.

Assinante 72794»

### Exemplo de Pai Américo

«Muito mais do que qualquer um de nós possa contribuir em dinheiro, é a vossa dedicação e fidelidade a um projecto como a Casa do Gaiato.

O exemplo de Pai Américo, já no Céu com todos os Santos — junto do Senhor — é coragem para nós.

Conhecer esta Obra através d'O GAIATO é um privilégio. É a excepção de «comunicação social» — como se diz nos jornais.

O GAIATO é comunicação de corações. É partilha

### Nunca esmoreçam!

«Aprecio imenso a Obra da Rua e o trabalho que realizam. É formidável como Deus criou 'Padres Américos' para darem continuação a uma Obra social, caritativa e humana com essa grandeza.

Faços votos que nunca esmoreçam, que nunca vos falte a força de vontade e o espírito de sacrifício dispensado não acarrete doenças físicas ou psíquicas a todos os envolvidos nessa grandiosa tarefa.

Assinante 24693»

# Notas do Tempo

**F**OI há anos, há muitos anos, em tempo de não tão amplas liberdades como o de hoje. Em Lisboa, em loja de futilidades de alto nível (Então, exceptuando as feiras do «é tudo a dez tostões» em vésperas de Natal, lojas desta espécie eram, geralmente, de bom nível.), um menino batia o pé à mãe por um brinquedo que o atraía:

— Anda, compra, não sejas foçona!

Talvez porque a letra da linguagem não dizia com a *careta* que aparentavam mãe e filho, se me não apagou da memória este insignificante acontecimento de malcriadez que agora surge à tona ao absolver a Sociedade que nos cerca.

São já também muitos os anos que levamos de facilidades mal fundadas, de um viver acima de possibilidades não alicerçadas no firme do «produzir e poupar» — e eis-nos mergulhados no drama de uma crise que ainda não é trágica porque estamos em tempo de a remediar. Estamos em tempo... se o não perdermos em reclamações caprichosas de partes que esquecem o todo, na indiscriminação entre o essencial e o acessório, na recusa da austeridade que, porventura arde, mas cura e pela qual recuperamos o brio de sermos nós próprios o mais possível que tal é a condição de independência tanto para os indivíduos como para as nações.

A excitação generalizada a que se assiste não é saudável. E confunde que grupos sociais mais esclarecidos e responsáveis entrem nela e a fomentem. Revela a tendência muito vulgar, mas nada virtuosa nem facilitante, do olhar árido posto em quem tem mais e a concomitante cegueira sobre os que têm menos. São sempre estes as vítimas maiores dos desvarios do Homem. Porque mais ingénios, em tempos de fartura caíam facilmente na ilusão em que, apesar de tudo, se continua a insistir do «compre agora e pague depois». Ilusão destes e exploração dos outros mais poderosos, que os tentam, no ambiente envenenado pela *Sociedade de Consumo* em que o *ter* é apresentado como ideal de bem-estar, e acaba esvaziando as pessoas de valores fundamentais, enfraquecendo as suas resistências, aquelas que vêm de um bom-senso ancestral, que ao fim e ao cabo mora, mais do que em ninguém, no coração do Povo não contaminado por perversos ideais que fazem moda e servem interesses que nada têm a ver com o Bem Comum. Estou a pensar naquela faixa do Povo a que pertencem modestas famílias aonde rapazes nossos foram buscar as suas esposas. Gente não herdada, ou pobremente herdada, que com muito trabalho e uma gestão de sucesso que não foi aprendida em nenhuma Escola

de Economia e Finanças (que agora se multiplicam, mas nem as havia no seu tempo!) souberam edificar a sua casa, dar aos filhos a preparação que os habilitou a serem por si mesmos e gozam hoje de uma suficiência feliz e pacífica porque fruto da sua fecundidade provada por muitas lutas e sacrifícios e porque tal experiência lhes dá segurança diante de outras horas

difíceis que se apresentam. Não têm reservas, como os poderosos, para passar incólumes através de crises. Mas têm-se a si, o seu hábito de trabalho e a capacidade de sacrifício, como couraça que os defende até melhores dias.

Cidadãos anónimos e mal reconhecidos — ai das Nações se não fossem eles!

Padre Carlos



## BENGUELA

### O semedador é homem da esperança

**V**AI chegar o dia em que os rapazes mais velhos não-deram a sua casa, a sua esposa e os filhos em redor. É o ideal do projecto educativo da Casa do Gaiato. O sonho é deles e nosso também. Vieram do nada e devem regressar à família constituída por eles. Quem dera!

Todas as manhãs, muito cedo, sai um grupo para o estágio do fim de curso de formação profissional, em várias empresas. Regressam a Casa ao fim do dia de trabalho. Entram, deste modo, no mundo real, onde serão integrados, em definitivo, quando tiverem condições para voar sozinhos.

Nada no mundo se deve opôr ao rapaz idóneo e de recta intenção. Sabemos que não é sempre assim. Um problema a enfrentar é o da falta de habitação, em condições minimamente humanas: Casas pequeninas, com espaços suficientes para os pais, filhos e filhas, capazes de prenderem uns e outros. Antes do prédios de rendimento, sejam servidos e instalados os pequenos, contentes na sua própria casa.

Sabemos, por experiência, quão difícil é, nesta fase em que Angola está, responder à multidão incontrolada de pessoas que vivem amontoadas. Algo se vai fazendo já, sobretudo a nível da

Capital. Oxalá não tarde o dia em que programas semelhantes chegam às províncias mais atingidas pelo excesso de população a viver de forma desumana.

Os chamados filhos da rua têm a sua origem, muitas vezes, nas condições indignas da habitação. Por este motivo, tem-nos merecido grande atenção o apoio à construção de casas, infelizmente com carácter provisório. Por um lado, o custo dos materiais definitivos é extraordinariamente elevado para a situação precária da maioria da população. Por outro lado, é de esperar o regresso de parte das pessoas às suas terras de origem. Neste ponto, contudo, o processo é demorado. Criam-se hábitos novos. Os filhos nasceram neste ambiente e frequentam a Escola. Nas suas Aldeias a Escola não funciona nem os Postos de Saúde. O regresso dos populares que não vivem nos acampamentos será muito mais lento e duvidoso. Este prognóstico a cumprir-se, irá dificultar mais a solução do problema habitacional e alimentar.

Apesar das dificuldades apresentadas, sinto grande alegria sempre que o casal pede ajuda para melhorar a sua casa. É um sinal positivo de promoção humana. Já não quer viver mais na sua cubata imprópria. Não há dúvida de que é o primeiro passo para a subida.

Há, pelo contrário, o grande perigo de se criarem hábitos de viver na miséria e de nada se fazer para sair do abismo. Quando assim acontece, podemos dar a mão, mas não é agarrada.

É preciso que os homens do poder oiçam os pequenos. Façam-se pequenos planos de urbanização nos bairros. Será uma forma de incentivar a construção melhorada. Há dias, dizia-me um dos nossos: «Porque não arranja um bairro para os rapazes?» Esta pergunta fez-me lembrar que há um bom número deles com vinte anos e mais, em nossa Casa. Quando chegar a hora boa de se tornarem autónomos, a Casa que os criou vai acompanhá-los. Pena tenho de que nem todos entendam e troquem o futuro seguro e digno pelo que é tentador e traiçoeiro.

A proposta é para todos. A semente é lançada em todos os terrenos. Alguns não aproveitam tanto quanto podem e devem aproveitar. Outros, sim. O semeador é sempre o homem da esperança. O educador também. O confronto com o trigo e o joio é uma constante da vida. Os pais que o são, de verdade, sabem que assim é. Semeiam e, quantas vezes, os filhos não aproveitaram do mesmo modo?

Continuamos a esperar.

Padre Manuel António

## ENCONTROS EM LISBOA

### Caminhada para o Natal

**P**OR detrás de todos os barulhos da nossa cidade, começa a ouvir-se uma melodia inconfundível que, se nos deixarmos guiar por ela, conduz ao Presépio. É uma melodia que se escuta com o coração. No silêncio, a nossa frágil humanidade sente-se emocionada: Deus visita o Seu povo; Deus feito Homem; o Homem com sonhos de divindade!

Não sei como, nem porquê, ao iniciar esta caminhada para o Natal, a minha imaginação levou-me para um canto do presépio e, ao olhar a cena, concentrei a minha atenção numa ovelhinha que ali se encontrava, possivelmente trazida pelos pastores como oferta ao Menino. Tentei perceber a sua oração e rezar com ela.

Preocupado com tantas coisas, parece que não chega o tempo para o que é importante: estar ali a contemplar. Enchemos as nossas vidas de mil coisas e não cruzamos o nosso olhar com o olhar do Menino, talvez com medo de sentirmos nesse olhar a nossa fragilidade humana, em que o próprio Deus quis incarnar.

A imagem da ovelha levou-me ao pastor que a carregou e ofereceu.

É altura de começar a preparar as prendas que tenho que levar e, na melodia do meu presépio, não aparecem coisas.

Antes de mais, apareço eu, uns dias com vontade de ir, mas, no seguinte, com vontade de não fazer esforço. Talvez sinta receio ou acanhamento em me encontrar com o Menino. À voz do Anjo «anunciando uma nova que será de grande alegria» vou, titubeando na escuridão, caindo e levantando-me porque o Amor não me deixa perder o rumo.

Depois, vem-me à ideia o pastor com a ovelha aos ombros. Jesus ensinou-nos que era a ovelha perdida. Que alegria sentir tantos que andam à nossa volta, certinhos, a procurar os caminhos da vida. Mas há também aqueles que gostaríamos de pegar aos ombros e levar connosco até ao presépio.

Da minha vida e da vida de todos aqueles com quem vamos vivendo se faz o nosso caminhar em direcção ao Natal. Que todos nos encontremos no Presépio contemplando o Amor incarnado.

Padre Manuel Cristóvão

## Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Trata-se de um verdadeiro movimento crítico, de uma conversão permanente face à tentação de abraçar o efémero e passageiro como absoluto e eterno.

É este movimento que nos subtrai ao niilismo ou nos liberta do pessimismo abrindo-nos para a única resposta possível: o acolhimento do mistério e a sua adoração.

É urgente, por isso recuperar a capacidade de admirar sem suspeita e supor que para além do que o nosso simples olhar consegue abranger, há outros horizontes que dão sentido à vida.

## PENSAMENTO

A Pobre, tão pobre nem camisa tinha. Ela revelara de quanto houvera rezado e chorado ao entrar, naquela manhã, as portas de Coimbra. E é muito possível que ainda hoje continue errante por outras terras, a dormir com os filhos nos beirais, que os homens de agora, por muito civilizados, esqueceram-se que somos todos membros de um mesmo Corpo — Jesus Cristo.

PAI AMÉRICO

Que a mentalidade cientista que tanto nos dita a mudança não mate a tal capacidade de admirar sem suspeita, essa mesma que nos dá acesso à contemplação dos verdadeiros valores e nos abrem à novidade.

Padre João